



O TRABALHO COM O CINEMA DE ANIMAÇÃO E A TRANSVERSALIDADE DO CONHECIMENTO NA FORMAÇÃO CONTINUADA E INICIAL DE PROFESSORES

Senyra Martins Cavalcanti – DE/CEDUC/UEPB

Anne Caroline Silva Aires – Monitora

Ana Catarina de Oliveira Silva – Monitora

Érica Batista Andrade – Monitora

Karen Ohana Sousa Bastos – Monitora

Michelle Melo de Lima – Monitora

Valkênia Kuirly Gomes de Souto – Monitora

Universidade Estadual da Paraíba, cinematografouepb@gmail.com

RESUMO: Podemos observar que ao longo do último século, a difusão de novos meios audiovisuais fez com que estudantes e professores entrassem em contato com imagens inclusive em espaços e tempos escolares. A experiência de assistir a filmes de animação é referenciada comumente como inocente e desinteressada, ocultando as estratégias de formação ativa de sentidos e sensibilidades no que diz respeito a temas importantes à formação, tais como: ética, cidadania, meio ambiente, pluralidade cultural e consumo. Observando que discussões sobre esses temas ainda não fazem parte da formação continuada e inicial dos professores da educação básica, ofertamos um curso de formação sobre como abordar filmes de animação, integrando-os à rotina do trabalho nas salas de aula de uma forma mais satisfatória do que a que vem sendo utilizada até o momento. O presente artigo tem como objetivo registrar e divulgar essa experiência de trabalho professores dos ciclos I/II e na formação inicial de estudantes de licenciaturas, na Cidade de Campina Grande-PB, no primeiro semestre de 2015, promovidas pelo projeto de extensão/PROEX/UEPB “O cinema na Sala de Aula: Assessoria e Capacitação para o Uso Didático-Pedagógico de Filmes nas Escolas Públicas do Ensino Fundamental”.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial e Continuada de Professores; Cinema de Animação; Temas Transversais; Ciclos I e II; Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO: Cinema & Educação

Ao longo do último século, a difusão de novos meios audiovisuais fez com que estudantes e professores entrassem em contato com imagens animadas na convivência



social bem como em espaços e tempos escolares. Na escola, a experiência de assistir a filmes é referenciada comumente como inocente e desinteressada, ocultando as estratégias de formação ativa de sentidos e sensibilidades no que diz respeito a conceitos importantes à formação de crianças e de adolescentes, tais como ética, cidadania, meio ambiente, pluralidade cultural e consumo. “Apenas agora estamos começando a registrar a importância educacional e cultural da imagem como um novo princípio organizacional para as relações sociais e as subjetividades” (GREEN & BIGUM, 1995, p. 221).

A cultura escolar institucionalizada veicula os bens culturais da chamada “cultura erudita”, que tem como referência a cultura baseada em meios impressos, com ênfase na palavra impressa, no domínio da gramática-padrão, no vocabulário culto, na pronúncia “correta”, na leitura das grandes obras literárias, dentre outros (GRIGNON, 1995). Essa forma de comunicação cultural é legitimada nos textos curriculares¹, nas lições de aula, nos conteúdos de ensino e nas diretrizes curriculares oficiais, e outros, veiculados pelo currículo escolar institucionalizado ou *currículo oficial* (APPLE, 1997).

Em conformidade com essa proposta, “a escola não suprime a expressão, a cultura oral, que detém um importante papel na comunicação pedagógica [e social], mas não concebe o oral independentemente do escrito, nem do predomínio deste” (GRIGNON, 1995, p. 180). Na impossibilidade de estabelecer uma ruptura absoluta, o currículo oficial desloca para um segundo plano, em nível de discurso, tanto os saberes e os conhecimentos baseados na oralidade oriundos da cultura popular quanto os elementos da cultura de massa utilizados pelos estudantes.

Fora dos espaços escolares, os estudantes têm contato em seu cotidiano com novos desenvolvimentos tecnológicos e produtos culturais distintos dos da geração anterior: videogame, jogos de computador, programas de televisão tipo *reality show*, internet, videoclips musicais, rap, rock, hip-hop, quadrinhos, grafite de muros, surf,

¹ Textos curriculares: livros didáticos, livros paradidáticos, lições orais, orientações curriculares oficiais, rituais escolares, datas festivas e comemorativas, dentre outros.



dentre outros. Por não reconhecerem a legitimidade desse novo cenário cultural comunicado pelos estudantes, a escola e os educadores estão despreparados para lidar com esses novos bens simbólicos. Um exemplo disto é como os desenhos animados e os filmes produzidos para o público infantil são visualizados pelos professores.

Observando creches e salas de aula, não podemos ficar indiferentes à profusão de marcas que veiculam sentidos e imagens significativas às crianças e aos adolescentes nas mochilas, capas de caderno, estojos, borrachas, lápis, etc. Marcas globalizadas como as Princesas da Disney, Pucca, Homem Aranha, dentre outros, lembram aos estudantes as imagens e seus conteúdos consumidos em espaços mais íntimos como os lares através de filmes e desenhos animados que cativam uma atenção que por vezes a escola não consegue mimetizar a sua intensidade. Essa experiência de contato com produtos da indústria cultural faz parte daquilo que Apple chamou de “o currículo oculto da escola” (1997). Elas não integram o planejamento das aulas, mas se fazem presentes nos materiais escolares, nas conversas entre os estudantes e nas lembranças infantis.

Ao longo do último século, os filmes e desenhos animados infanto-juvenis foram visualizados como produtos culturais que estimulavam a imaginação e a fantasia e que podiam ser assistidos sem sustos e sem a necessidade de supervisão parental. Sucessivas gerações foram influenciadas pelos símbolos e valores veiculados pelos filmes da Disney (GIROUX, 2010) e por desenhos animados (CAVALCANTI, 2009)², sem a observação da dificuldade destes artefatos culturais em tratar as diferenças, sobretudo as que são baseadas no gênero e nos modelos de feminilidade.

Pesquisas como as de Setton (2004), Giroux (2010) e Davis (2007), buscam sistematizar reflexões sobre o impacto das imagens cinematográficas na formação de crianças e adolescentes. Mais destacadamente, refletem sobre como o cinema forma um tipo de subjetividade particular em conformidade com modelos sócio-culturais mais conservadores e neoliberais. Como por exemplo, o filme sobre a Cinderela entretém ao

² Este trabalho discute as relações de gênero e os modelos de feminilidade divulgados junto ao público infanto-juvenil pelos desenhos animados “Cinderela”, “A Gata Borracheira”, “O Paraíso de Hello Kitty”, “Meninas Superpoderosas”, “Pucca” e na personagem Minnie de “As Aventuras do Pato Donald”, com base no quadro teórico de Foucault (1993), Walkerdine (1999), Louro (1999) e de Giroux (2001).



mesmo tempo em que cria referências sobre o modo de ser e de ser vista das mulheres: bonitas, magras, meigas, indefesas, casadoiras, etc. (DAVIS, 2007).

Discussões sobre a problemática do cinema na sala de aula, referida anteriormente, fizeram parte da parte de fundamentação do curso de formação continuada ofertado aos professores dos ciclos I e II do ensino fundamental da educação básica e de estudantes de licenciaturas, dentro das ações do projeto de extensão: “O cinema na Sala de Aula: Assessoria e Capacitação para o Uso Didático-Pedagógico de Filmes nas Escolas Públicas do Ensino Fundamental de Campina Grande-PB”³, promovido pela PROEX/UEPB, no primeiro semestre de 2015.

Metodologia do curso de formação

Observando a natureza do curso, reconhecemos desde o início a necessidade de uma estratégia de divulgação que alcançasse os professores dos ciclos I e II do ensino fundamental e a comunidade acadêmica e, para tanto, contamos com o apoio da coordenação de ensino da Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, a fim de apoiar a divulgação circulando e-mail para os gestores das escolas; enviamos e-mail aos alunos das diversas licenciaturas em que ministramos aulas pedindo que divulgassem nas redes sociais a oferta desta formação continuada para professores dos ciclos; visitamos as salas de aulas dos cursos de licenciatura em Pedagogia, História e Letras da UEPB-Campus Campina Grande; anunciamos no blog <http://cinematografouepb.blogspot.com> como mecanismo de circulação de informações e divulgação de textos sobre o tema; disponibilizamos um e-mail (cinematografouepb@gmail.com) para a solicitação e recepção de fichas de inscrição, bem como de resposta às dúvidas mais frequentes.

O planejamento das ações e avaliações das atividades desenvolvidas foi contínuo, visando possibilitar um maior acompanhamento do curso e também a uma flexibilização das ações, contribuindo para fornecer um curso democrático e

³ Frente a esta problemática, foi cadastrado no CNPq e está em atividade desde novembro de 2010 o grupo de pesquisa “Educação, Infância e Cultura Visual”.



participativo.

Destinado ao público interessado nas temáticas abordadas, o público-alvo atendido foi de 56 pessoas. O curso foi dividido em duas etapas: uma teórica composto de 15 horas e uma parte prática, composta de 15 horas, realizada em forma de oficinas. Os encontros aconteceram: no horário de 8 às 11 hs, no Auditório da CIA - Central de Integração Acadêmica/UEPB, pela manhã e aos sábados.

Nas etapas indicadas no parágrafo acima, foram desenvolvidas as seguintes atividades: 1) apresentação filmes animados e desenhos animados, exposição dialogada, com apoio de *Datashow* e *slides* e indicação de textos teóricos referentes aos temas abordados, distribuição de roteiros para acompanhamento da exposição; 2) realização de oficinas visando sugerir estratégias didáticas que poderiam ser usadas nas salas de aula, no trabalho com os TT's dos PCN's em articulação aos conceitos discutidos na primeira etapa do curso.

Em relação à avaliação das atividades desenvolvidas e da participação dos cursistas, foi constatado pela equipe extensionista algumas dificuldades, mais destacadamente a frequência pendular dos participantes.

Oficinas didático-pedagógicas para trabalho com os temas transversais a partir de filmes de animação

O curso compreendeu trinta (30) horas de atividades, a seguir apresentaremos as oficinas organizadas a partir dos Temas Transversais (TT's) dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

As atividades propostas partiram da ideia central de que antes de aplicá-las aos seus estudantes os professores em atividade e/ou em formação deveriam experimentar fazê-las dentro do curso ofertado por nós, implicando na resolução das atividades propostas. Essa diretriz visava a que os cursistas liberassem a sua criatividade e não



apenas recolhessem sugestões didáticas para as suas salas de aulas. Os exercícios foram feitos um por um, não entregamos todos de uma vez, quando elas terminavam um nós dávamos o visto e daí estragávamos a outra tarefa.

Na oficina com o tema transversal de meio ambiente, trabalhamos a partir do filme “Rio” (2011, dir. Carlos Saldanha), com o objetivo geral de conscientizar que cada um de nós fazemos parte do meio ambiente e que somos os responsáveis pela preservação do mesmo, mediante a denúncia ao tráfico de animais e ao incentivo à coleta seletiva para conter os impactos causados pelo grande acúmulo de lixo da sociedade pós-moderna em locais inapropriados. Como primeira etapa foi exibido o filme “Rio”, em seguida foi proposto uma discussão sobre o tema meio ambiente e suas relações com o filme, e para finalizar foram respondidas atividades que envolveram pintura, leitura, escrita, dentre outras, pelas cursitas. Durante a discussão após a exibição do filme, várias questões foram levantadas, como por exemplo, que a relação entre as imagens do filme com o nosso mundo real, discutindo nossas atitudes atuais com o alto consumo e a produção de lixo. Após a discussão, distribuímos as atividades para as cursitas responderem. Os cursistas demonstraram bastante facilidade e entusiasmo na resolução das atividades. Foram no total cinco (5) atividades bem variadas (caça-palavras, pergunta e resposta, colorir, completar imagem e palavras), que envolveram o tema transversal meio ambiente e o filme.

Na oficina do tema transversal de saúde, trabalhamos a partir do filme “Tá Chovendo Hamburger” (2009, dir. Phil Lord e Christopher Miller), discutindo a importância da alimentação saudável e, em seguida, entregamos as atividades para cada cursista responderem.

Na oficina com o tema transversal da pluralidade cultural, trabalhamos com o filme “A Princesa e o Sapo” (2009, dir. Ron Clements, John Musker), na qual chamamos a atenção para a observação nas imagens da classe social, ética, diferenças

raciais e a cultura da cidade em que se passa o filme. Ao término da exibição do filme iniciou-se o debate dos seguintes temas: a cultura religiosa apresentada no filme: o vudo; preconceitos com os cultos afros; uma princesa da Disney além de estereótipos (a princesa Tiana trabalha, não se diverte) e o príncipe não seguia os padrões (preguiçoso, só quer se divertir, é mulherengo e está falido). Os exercícios envolveram memória, a operação matemática da adição e a realização de pinturas de imagens do filme.

Na oficina com o tema transversal de ética apresentamos o filme “A Dama e Vagabundo II: As Aventuras de Banzé” (2001, dir. Darrell Rooney e Jeannine Roussel), para discussão do conceito de ética e amizade inter-geracional a partir da história de um pai/cachorro disciplinando seu filho/cachorro adolescente e as estratégias que este último elaborou para sobreviver em um grupo não parental/matilha. Em seguida, iniciamos as atividades práticas. Foram cinco (5) tarefas envolvendo a resposta de perguntas, pintura de imagem do filme, dentre outras.

Na oficina do tema transversal de orientação sexual, apresentamos o filme “Valente” (2012, dir. Mark Andrews e Brenda Chapman) para analisarmos os estereótipos envolvendo a co-educação dos sexos, as boas maneiras da sociedade de corte vinculadas ao masculino e ao feminino, a confusão entre práticas sexuais e orientação sexual (a afetividade, o despertar romântico, como se aproximar do outro, como conviver um com o outro, a aceitação do outro). Então, neste tema transversal, esteve posto um objetivo que foi o de discutir do afeto às interações amorosas. O filme é bastante recomendado para ser usado na escola, como por exemplos: pela lembrança das regras do que é atividade de menino e atividade de menina, respeitar o espaço e o ser do outro, mas também que não podemos associar traços de personalidade a partir do dado biológico (menino Vs Menina).

Ao final de cada oficina, foi entregue uma ficha de avaliação para as cursitas responderem, na qual, apresentava como pontos de avaliação: seleção da temática da



oficina e do filme; clareza no desenvolvimento da proposta da oficina; as questões propostas para a discussão; os exercícios propostos; e quais as possíveis chances das mesmas aplicarem a proposta da oficina na escola (se estiverem em sala de aula ou quando estiverem). Desta forma, finalizávamos cada oficina com dados para serem analisados sobre o desenvolvimento da mesma, os quais serviram como fonte de reflexão para repensarmos no que devemos melhorar ou continuar, nas oficinas subsequentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como resultado uma compreensão de que os filmes e desenhos animados são métodos bastante ricos como didática pedagógica, o curso de extensão foi, de fato, bastante proveitoso à comunidade a qual se destinou, pois elucidou a respeito de temáticas envoltas do imagético como metodologia de ensino que abrange uma imensidão de abordagens teórico-metodológicas a fim de promover uma melhor compreensão através de exposições dialogadas de filmes e desenhos e imagens, bem como promover uma formação continuada e complementar àqueles que já estavam há tempos, sem informações atualizadas sobre as temáticas abordadas.

REFERÊNCIAS

BELL, E.; HAAS, L.; SELLS, L. (Eds.). *From mouse to mermaid: the politics of film, gender, and culture*. Bloomington: Indiana University Press, 2008.

BROODE, D. *Multiculturalism and the mouse: race and sex in Disney Entertainment*. Austin: University of Texas Press, 2006.



CAVALCANTI, S. M. A Gramática do Feminino em Hello Kitty. Anais do VIII Colóquio Internacional Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder, Florianópolis-SC, agosto de 2008. Disponível em:

http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST44/Senyra_Martins_Cavalcanti_44.pdf

———. Relações de gênero e modelos de feminilidade nos desenhos animados infanto-juvenis. Anais do I Colóquio Internacional de História: Sociedade, Natureza e Cultura, Campina Grande-PB, julho de 2008.

DAVIS, A. *Good girls and wicked witches: changing representations of women in Disney's feature animation, 1937-2001*. New York: John Libbey Publishing-UK, 2007.

DUARTE, R. Cinema na escola. In: *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Coleção Temas & Educação) (p. 85-96)

GALLO, S. Disciplinaridade e transversalidade. In: VVAA. *Linguagens, espaço e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (p. 165-179)

GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. (p. 132-158)

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção Estudos Culturais em Educação) (p. 208-243)

KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. IN: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. (p. 104-131)

NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

QUAL é a fórmula de sucesso dos blockbusters? *Revista Superinteressante*, jan. 2010, p. 38-39.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. In: *Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 01/10/2014.

RAMOS, R. Y. Temas transversais: a escola da ultramodernidade. *Pátio*, nº 5, maio-jul, 1998. Disponível em: <http://www.valeretto.com/educacao/patio/patio5.html>. Acesso em: 01/10/2010.

SETTON, M. da G. J. (Org.). *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e*



educação. São Paulo: Ansablume: Usp, 2004. (p. 123-136)

SETTON, M. da G. J. Educação e sociedade midiática: espaço e dimensões da socialização contemporânea. *Educação em Revista*, FEUSP, São Paulo, p. 103-106, jan./jun. 2002.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: — (Orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (p. 9-52)